

# TEMPO CICLÍCO, TEMPO LINEAR, APROPRIAÇÃO DO TRABALHO E DISCIPLINARIZAÇÃO DAS MASSAS.

Ana Paula Sobreira Bezerra  
Professora da Universidade Federal de Pernambuco  
Mestre

Glaudionor Gomes Barbosa  
Professor da Universidade Federal de Pernambuco  
Mestre - Doutorando

## Resumo

O artigo escolhe como objeto a relação entre o tempo histórico, a vida e o trabalho, tanto no sentido da apropriação do último como valor, quanto no sentido de lógica de disciplina e controle que se realiza sobre as pessoas com a administração capitalista do tempo. Desse modo, o objetivo proposto é de discutir o tempo na perspectiva da exploração sócio-econômica sobre os trabalhadores. Discute-se o conceito de tempo histórico, as mudanças que levaram a sociedade humana transitar de um tempo cíclico e natural para um tempo linear e irreversível, ou seja, um tempo-valor. A necessidade de mensuração do tempo e o surgimento e aperfeiçoamento de máquinas do tempo. Mostra-se como o tempo é medida e substância do valor e, portanto, da riqueza. Por fim, investiga-se o papel do tempo no controle e disciplina sobre os trabalhadores.

**Palavras-chaves:** Tempo. Trabalho. Disciplina.

## 1. Introdução

O objetivo central desse trabalho é investigar, no nível teórico, as relações existentes entre o tempo e o trabalho humano, buscando compreender de que formas o tempo pode ser o elemento-chave no controle e na exploração dos trabalhadores. Quanto à estruturação, o artigo é composto de cinco seções, incluindo essa introdução. A seção dois discute a relação entre tempo e história; na seção três é feita uma contraposição entre os conceitos de tempo cíclico e tempo linear; na seção quatro é discutida a relação tempo, trabalho e valor, mostrando-se como o tempo-valor se introduz na História; na seção cinco é feito um aprofundamento da seção anterior, e o eixo da discussão é entre tempo, capitalismo e disciplina.

## 2. Tempo e História

Toda percepção do tempo é percepção de mudança. Mesmo em sociedades estáticas, a experiência individual e coletiva é de que ocorrem mudanças, mesmo quando a vida parece se repetir. Na ausência de outras referências, o ser humano envelhece, os filhos crescem, casam e surgem os netos. Alguns parentes, amigos e vizinhos adoecem e morrem. Não há história sem tempo nem tempo sem história.

Bloch numa obra, que com toda razão se tornou um clássico, num esforço de construção de uma definição para a História, fala da mesma como ciência dos homens, para acrescentar em seguida

“dos homens, no tempo”. Assim, o historiador pensa o humano, mas a atmosfera em que o pensamento ocorre é a categoria da duração:

*Decerto, dificilmente imagina-se que uma ciência, qualquer que seja, possa abstrair do tempo. Entretanto, para muitas dentre elas, que, por convenção, o desintegram em fragmentos artificialmente homogêneos, ele representa apenas uma medida. Realidade concreta e viva, submetida à irreversibilidade de seu impulso, o tempo da história, ao contrário, é o próprio plasma em que se engastam os fenômenos e como o lugar de sua inteligibilidade.*

Numa linguagem, pode-se dizer, poética, Bloch argumenta que o tempo é um *continuum*, e é, também, perpétua mudança. Ou seja, o tempo é, e já não é.

Falar em “volta do acontecimento” como fez Nora não significa — e esta não parece ter sido a intenção do Autor, mas não se pode dizer o mesmo dos vulgarizadores — que deixou de existir um *continuum* tempo passado-tempo presente-tempo futuro. A desintegração da União Soviética foi um acontecimento. Pode ser lido na curtíssima duração? Pode. Contudo, aquele acontecimento se liga à própria constituição daquela experiência pioneira de socialismo num só país e numa sociedade asiática e atrasada do ponto de vista do desenvolvimento das forças produtivas e das instituições políticas. Liga-se, portanto, a “tese do elo mais fraco” de Lênin. Liga-se, também, ao rompimento violento da clássica aliança operário-camponesa, com as requisições de alimentos para alimentar as cidades famintas e depois com as coletivizações forçadas do período stalinista. Está ligada às dificuldades da economia soviética a partir dos anos setenta do século XX. Também está ligada a perda de controle da liderança sobre a “*Glasnost*” e a “*Perestroika*”. Pode-se dizer que a nova-velha Rússia foi definitivamente ganha para o “mundo” ocidental? Os últimos acontecimentos não permitem uma resposta simples.

Parece haver um consenso entre os historiadores, independente de suas afinidades eletivas, rusgas políticas ou idiosincrasias ideológicas, de que o tempo histórico é diferente do tempo de outras ciências. O físico divide o tempo em frações de diversos tamanhos, mantendo cada unidade como constante. Assim, o tempo para um projétil atingir um determinado alvo, dados a força de impulsão inicial, o peso e formato do projétil, resistência do ar e velocidade do vento, entre outras variáveis que poderiam ser acrescentadas, é de X segundos. O historiador sabe que o tempo, matéria da experiência humana, pode ser dilatado ou condensado. Quantas vezes, na história, um ano não condensou uma década?

O tempo é tanto o material que registra e articula a narrativa historiográfica, quanto é experiência individual, coletiva e da civilização. Desse modo, cada sociedade tem noções sobre o tempo: cíclico ou linear; lento ou acelerado; estático ou dinâmico. Há sempre uma forte tensão entre a história (representada pelo historiador) e o tempo. O historiador vive o presente — é resultado de uma

vivência curta — é não só influenciado pelo presente, mas de certo modo é prisioneiro dele. E o que o historiador pretende é estudar o passado.

Esta tensão permanente leva a história do tempo cíclico ao linear progressivo; das seqüências cronológicas às temporalidades braudelianas; do tempo da natureza ao tempo da sociedade; do tempo do trabalho pré-industrial ao tempo do trabalho industrial; do tempo quase imóvel ao tempo acelerado; do tempo real ao tempo virtual.

Tome-se o exemplo da história econômica e social. Existe um tipo de História de longa duração que investiga, por exemplo, as lentas mudanças na agricultura; outra dos ciclos em geral: tendências seculares, flutuações estacionais, flutuações cíclicas e flutuações esporádicas. No caso das flutuações cíclicas ou ciclos específicos, têm-se os seguintes tipos: ciclo de Kitchin, ciclo de Juglar e ciclo de Kondratieff. Existe um tempo curtíssimo, como das cotações diárias das Bolsas de Valores ou do câmbio diário.

A questão do tempo em história é tão fundamental que está na própria base das teorias que dão formato ao problema, à análise e à narrativa. Veja-se o caso do século que vivemos a maior parte de nossas vidas, ou seja, o século XX. Ele foi curto e longo para dois pensadores fundamentais de nossa época: Hobsbawm e Arrighi. Afinal o século XX foi breve ou longo?

### **3. Tempo cíclico versus tempo linear**

*Oh lento relógio pudesse eu ver-te consumido pelo doce fogo do amor! Se, até ao fim do dia, aguardas as mesmas alegrias que eu terei, bem podes quebrar a obediência ao mestre que te construiu ... Mas que estou eu pedindo? ... Há um período imutável para os misteriosos movimentos do firmamento celestial, dos planetas e da estrela polar e para o eterno refluxo do crescer e empalidecer da lua ... Que em importa que o meu relógio de ferro bata as doze se, com ele, em harmonia, não as bate o relógio do céu?*

A lentidão do relógio, o descompasso entre o tempo mecânico e o tempo natural e o desprezo pela marcação feita pelo relógio da terra em desarmonia com o relógio do céu, definem, poeticamente, os sentimentos e as mentalidades dos homens — inclusive os cultos — da renascença quanto a introdução na vida cotidiana do tempo linear e irreversível.

Durante muitos séculos os homens levantavam da cama porque o sol estava nascendo ou porque o galo havia cantado, dormiam porque o sol se deitava e a lua se levantava. O canto dos pássaros, o movimento dos animais no curral eram sinais fundamentais para organizar a vida pessoal e social. Não se sabia em que hora estavam, nem isto se constituía problema algum. Em geral, as pessoas, também, não sabiam que idade tinham, não conheciam nem festejavam uma data de aniversário. Não se marcava encontros e quando alguém desejava falar com outro, simplesmente ia a sua procura e se não o encontrava isto não era necessariamente motivo de aborrecimentos. Voltava-se outro dia. Em compensação as pessoas conheciam todos os sinais da natureza que estivessem

relacionados com o tempo: sabiam-se as fases da lua; a passagem das estações, pela posição relativa das constelações e o calendário agrícola. Ou seja, tempo e natureza eram uma mesma matéria.

O que é importante destacar é que mesmo depois da invenção do relógio mecânico no século XIV, o tempo continuou sendo essencialmente um tempo cíclico. O ano tinha um começo emocional que era o desabrochar das primeiras flores ou da sementeira. Não havia necessidade de se dividir o dia em horas, mas sim em refeições. As estações do ano, os cultos religiosos, as tarefas de ordenhar os animais, observar o cio e as fêmeas peçadas e o próprio estômago, definiam as rotinas e marcavam o tempo.

A verdade é que a chegada dos relógios mecânicos no século XIV e sua difusão nos séculos XV e XVI, não significou uma alteração substancial da hegemonia do tempo cíclico. Tanto é assim que cada cidade contava as horas tendo como referência os três pontos notáveis do “movimento” solar: o nascer-do-sol; o meio-dia (sol a pino, com sombra zero) e o pôr-do-sol. Havia cidades que os relógios soavam de 1 a 24 badaladas a partir do pôr-do-sol; noutras a mesma quantidade de badaladas a partir do nascer-do-sol; e ainda outras onde os relógios badalavam de 1 a 12 a partir do meio-dia e novamente de 1 a 12 a partir da meia-noite. Note-se que com o relógio passou-se a conhecer o horário da meia-noite, porém, isto era feito com base no meio-dia. Qualquer camponês sabia e continua sabendo que ao meio-dia sua própria sombra desaparece.

O fato é que a Idade Média foi um período de total desimportância — com exceção das instituições políticas, com a Igreja e as Municipalidades — pela precisão cronológica. A vida não era encarada como fluxo contínuo e sim como ciclos ritualizados. A falta de importância pelo tempo linear era tamanha que não havia um ciclo regular para a semana de trabalho. Referenciais culturais determinavam normas de comportamento laboral, onde se alternavam períodos de trabalho muito intenso com períodos de muita ociosidade.

É do século XIV para o XV que surge o primeiro grande conflito entre a mentalidade do tempo cíclico, natural e da inexistência de precisão com a nova mentalidade do tempo-valor introduzida pelos mercadores. O homem comum medieval e mesmo do Renascimento não sabia calcular, contar e pesar com precisão.

Quem apresentou oposição aos princípios econômicos introduzidos pelos mercadores foi a Igreja, não por razões essencialmente anticapitalistas e sim por total incompatibilidade entre o tempo natural e o tempo dos mercadores. O pomo da discórdia foi a usura. Não podia ser de outro modo pois a mesma era o elemento mais visível e escandaloso da nova mentalidade. Ser contra a usura, significava ser contrário a venda do tempo. Negociar o tempo, parecia à maioria aos homens da época uma prática moralmente condenável:

*O usurário age contra a lei natural universal, porque vende o tempo, que é comum a todas as criaturas. Agostinho diz que toda a criatura é obrigada a fazer dom de si mesma; o sol é obrigado a fazer dom de si para iluminar; também a terra é obrigada a fazer dom de tudo o que pode produzir, assim como a água. Mas nada é dom de si de maneira mais conforme com a natureza do que o tempo; queiram ou não, as coisas possuem tempo. Por isso o usurário vende o que necessariamente pertence a todas as de criaturas, lesa todas as criaturas em geral, até as pedras, de onde se conclui que, mesmo que os homens se calem perante os usurários, as pedras gritariam, se pudessem; esta é uma das razões por que a Igreja persegue os usurários. De onde se conclui que é especialmente contra eles que Deus disse: “Quando me reapossar do tempo, isto é, quando o tempo estiver na minha mão de maneira que o usurário não o possa vender, então julgarei conforme a justiça” (citado por John T. Noonan Jr., *The scolastic analysis of Usury*, 1957, pp. 43-44) ... Como os usurários só vendem a esperança do dinheiro, quer dizer o tempo, eles vendem o dia e a noite. Mas o dia é o tempo da luz e a noite o tempo do repouso; por isso eles vendem a luz e o repouso. Por isso, não seria justo que gozassem da luz e do repouso eternos. (Duns Scot., IV libros sententiarum).*

Ao definir o mercador como usurário que vende uma substância que é simultaneamente divina e comum a todas as criaturas, a Igreja tentou expulsar não apenas o estabelecimento do tempo linear e irreversível, mas o que viria a ser a substância do valor. O problema é que esta posição religiosa colocava em xeque o desenvolvimento do capitalismo mercantil, impedindo o avanço de instituições como o crédito, que teriam uma importância relativa na constituição da industrialização capitalista. O capitalismo venceu com o recuo da Igreja, até porque a transição não se deu apenas baseada nos empréstimos a juros, mas em mecanismos endógenos como os cercamentos e a gênese do arrendatário capitalista. De todo modo as escaramuças entre a Igreja e os mercadores tiveram papel preponderante nas mudanças que levaram a *modernidade burguesa*:

*O conflito entre o tempo da Igreja e o tempo dos mercadores afirma-se pois em plena Idade Média, como um dos acontecimentos maiores da história mental destes séculos, durante os quais se elabora a ideologia do mundo moderno, sob a pressão da alteração das estruturas e das práticas econômicas.*

A questão central é que os mercadores em si, negociavam o tempo na medida em que cobravam juros por vendas a prazo e em menor proporção pelo empréstimo de dinheiro, contudo os judeus faziam empréstimos a juros sem nenhum constrangimento. O grande trunfo do capitalismo não é o uso especulativo do capital-dinheiro, mas a transformação do capital-dinheiro em capital-produtivo e a conseqüente apropriação do valor-trabalho através do controle e uso do tempo de outros homens.

#### **4. Tempo, trabalho e valor**

A seção anterior introduziu a questão do tempo linear e irreversível, enquanto tempo-valor. Para se ter uma pálida idéia do que significou a chegada do tempo dos mercadores e depois do tempo capitalista, registre-se que a produção pré-capitalista nunca buscou a quantidade como meta. O artesão e o camponês não estavam muito preocupados com o tempo porque queriam fazer um trabalho bem feito. O tempo da produção era freqüentemente suspenso pelo tempo das diversões.

Não havia um “problema do lazer”, pois a dimensão do tempo de festas era tal que, segundo Peter Burke, em 1703, os dias livres ainda representavam aproximadamente metade do tempo anual para os tecelões de Paris.

O tempo irreversível causou transtornos de diversas ordens. Criou-se nas pessoas uma melancolia da dissolução do mundo. Um mundo conhecido e relativamente seguro, estava desmoronando frente a outro mundo desconhecido. O impacto desse novo mundo no psiquismo das pessoas desenvolveu nelas uma verdadeira obsessão da morte. As grandes rebeliões camponesas da época não possuíam matriz estritamente econômica, pois são também tentativas de lutar contra uma história que os estavam tirando da certeza de uma vida duríssima, mas sustentada pelo patriarcalismo feudal para um vácuo material e emocional.

É neste sentido que a utopia milenarista de que havia um paraíso terrestre se vestiu com as roupas de uma religião histórica: o cristianismo primitivo. A Igreja oficial, temerosa dos caminhos que as massas poderiam trilhar, responde duramente informando que o paraíso já a muito estava instalado e era ela própria. Ou seja, a salvação estava na religião e no Clero oficial. As massas entenderam que a Igreja os estava abandonando, mas não entenderam que a operação que deveriam realizar não estava mais no terreno do mito, mas no terreno irregular, escorregadio e doloroso da história. Era necessária uma operação histórica (a expropriação dos expropriadores). As massas camponesas não sabiam como fazê-la.

Há uma constatação que precisa ser feita: as verdadeiras mudanças provocadas pela burguesia estiveram sempre associadas ao fator tempo. A apropriação do tempo, de tornar-se dono de cada segundo do tempo dos outros, sempre foi o grande sonho burguês. A burguesia queria não apenas usar produtivamente em proveito próprio o tempo alheio, mas queria aprisionar o tempo numa rede lógica, onde cada segundo era provocado para valer cada vez mais. Também, o tempo começou a ser usado como instrumento de controle de comportamento e segregação. Os “preguiçosos”, os desperdiçadores de tempo, mesmo os artistas e todos que de uma maneira ou de outra estivesse contra a nova ordem, eram considerados destruidores dessa substância especial que é o tempo e neste sentido era justo e necessário tirar deles o estatuto humano.

A obsessão pelo relógio, longe de ser um traço de neurose individual é parte de um comportamento geral internalizado nas pessoas pela aceitação inevitável das regras do capitalismo. É, portanto, uma neurose coletiva. Uma neurose que gera um nível de eficiência muito alto e permite a reprodução ampliada do sistema. Como a grande maioria controla, inconscientemente, o tempo em benefício do sistema, ou seja, de uma minoria que não trabalha, o processo se reproduz automaticamente baseado no tempo-valor. A noção do tempo-valor é admiravelmente descrita na citação seguinte:

*Remir o Tempo é zelar para não o pormos fora em vão de nenhuma maneira, mas usar cada minuto dele como algo de muitíssimo precioso (...) Considere também o quanto o*

*Tempo é irrecuperável uma vez passado. Agarre-o agora, ou estará perdido para sempre. Todos os homens na terra, com toda sua energia, e toda sua vontade, não são capazes de trazer de volta um minuto que passou.*

Para a maioria dos trabalhadores o tempo de trabalho se estende não apenas nas chamadas horas-extras, mas principalmente nos deslocamentos, cada vez mais difíceis e “ladrões de tempo”. Assim, para muitos o tempo de propriedade real é apenas o tempo de sono e de alimentação. Será? A mercadoria força de trabalho é idêntica às outras mercadorias, por possuir as características de valor de uso e valor de troca. Contudo, além de ser a única mercadoria que é substância do valor, ela é especial por se encontrar “embutida” no ser humano. Sua oferta, renovada diariamente, depende de sua recomposição através da alimentação e do sono. Desse modo, muito pouco tempo, no máximo 15% é usado em proveito próprio pelo trabalhador (3,6 horas diárias), o resto é propriedade do capitalista.

## **5. Tempo, capitalismo e controle**

Thompson (1998) apresenta o tempo pré-industrial como um tempo orientado pelas tarefas. E diz que este tipo de orientação é o mais adequado e eficaz em sociedades agrícolas e que a mesma continua sendo utilizada ainda hoje na Inglaterra rural. Este tempo por tarefa começa a apresentar problemas desde o momento que se introduz o trabalho assalariado. Agora o pagamento do trabalho é custo efetivo de produção e precisa ser medido de forma conveniente, e a forma mais adequada é calcular o custo por tempo. Fazendo com que o trabalhador deixasse o mínimo de “poros” na jornada:

*Essa medição incorpora uma relação simples. Aqueles que são contratados experienciam uma distinção entre o tempo do empregador e o seu “próprio” tempo. E o empregador deve usar o tempo de sua mão-de-obra e cuidar para que não seja desperdiçado: o que predomina não é a tarefa, mas o valor do tempo quando reduzido a dinheiro. O tempo é agora moeda: ninguém passa o tempo, e sim, o gasta.*

Segundo Thompson (1998) quanto maior a sincronização do processo de trabalho maior a fiscalização do tempo, maior a necessidade de racionalização coletiva de seu uso. Na manufatura doméstica o grau de sincronização ainda era muito baixo. Mesmo no *putting-out system* havia demoras para a entrega das matérias-primas. E só com a Grande Indústria que a sincronização tornou-se norma e o trabalho por tempo substituiu grandemente o trabalho por tarefa. Não significa dizer que o capitalista não possa realizar o pagamento por peça, isto é possível quando a gerência de produção conhece o tempo médio para produção de cada peça. A instituição do trabalho por peça cumpre estão duas funções: (a) aumenta a produção total incentivando financeiramente os operários; (b) desenvolve em alguns segmentos específicos do processo, não a cooperação, porém, formas de

competição entre os trabalhadores que além de dividi-los, levam a uma situação final de cooperação para o patrão.

Quanto ao controle e a disciplina, não se pode dizer que foram invenções do capitalismo industrial, porém é evidente que foi no bojo deste sistema que eles se desenvolveram ao máximo. Thompson (1998) argumenta que os cercamentos e o permanente desenvolvimento agrícola geraram uma maior necessidade de otimização no uso do trabalho. Os cercamentos e o excedente cada vez maior de força de trabalho no final do século XVIII, endureceram a vida dos trabalhadores que optaram pelo emprego regular, dado que a outra alternativa era emprego parcial e assistência aos pobres. O emprego regular submetia os trabalhadores a uma disciplina muito exigente. Isto não era resultado, apenas, das técnicas novas e sim das observações dos patrões das necessidades dos pobres e da possibilidade de extrair mais produção dos mesmos em menor tempo.

Segundo Thompson (1998) houve um grande debate sobre a melhor forma de se remunerar os trabalhadores: o pagamento por jornada ou o pagamento por empreitada? Um fazendeiro conseguiu mostrar que não havia necessariamente conflito e as duas formas podiam ser combinadas:

*Dois trabalhadores se comprometem a cortar a grama de um pedaço de terra, cobrando dois xelins ou meia coroa por acre; mando ao campo, com as suas foices, dois dos meus criados domésticos; sei que posso contar com o fato de que seus companheiros os farão acompanhar o ritmo de trabalho; e assim eu ganho [...] de meus criados domésticos as mesmas horas adicionais de trabalho que meus criados contratados voluntariamente lhe dedicam.*

Thompson (1998) mostra-se preocupado em demonstrar três questões simultaneamente. Primeiro como o tempo foi condicionado pela tecnologia e pela sincronização dos processos. Em segundo lugar, como o controle do tempo foi utilizado com o propósito de aumentar a exploração do trabalho. Finalmente, como os trabalhadores resistiram às mudanças.

Começando pela última questão:

*[...] as preliminares da Revolução Industrial foram tão longas que se desenvolvera, nos distritos manufatureiros no início do século XVIII, uma cultura popular e reconhecida, que os propagandistas da disciplina consideravam com aflição. Josiah Tucker, o deão de Gloucester, declarou em 1745 que “as pessoas das classes inferiores” eram totalmente degeneradas. Os estrangeiros (pregava) consideravam “as pessoas comuns de nossas cidades populosas os miseráveis mais dissolutos e depravados na face da terra”; tanta brutalidade e insolência, tanta libertinagem e extravagância, tanta ociosidade, falta de religião, blasfêmias, pragas, tanto desprezo por tudo quanto é regra e autoridade [...]. O nosso povo se embebedou com a taça da liberdade.*

Quanto a disciplina do trabalho a primeira grande experiência foi definida no Livro de leis da siderúrgica Crowley. Trata-se de um verdadeiro código civil e penal privado. A leitura de parte da Norma 103, já diz muito:

*Com a finalidade de detectar a preguiça e a vilania, bem como recompensar os justos e diligentes, achei conveniente criar um registro de tempo feito por um supervisor, assim determino, e fica pelo presente determinado, que das cinco às oito e das sete às dez*



*horas são quinze horas, das quais se tira 1,5 para o café da manhã, o almoço, etc. Haverá portanto treze horas e um serviço semi-regular [...]. Esse serviço deve ser calculado “depois de descontadas todas as idas às tabernas, cervejarias, cafés, o tempo tirado para o café da manhã, almoço, brincadeiras sonecas, fumo, cantorias, leituras de notícias, brigas, lutas. Disputas ou qualquer coisa alheia ao meu negócio, e outra forma qualquer de vadiagem”.*

Como visto acima, a disciplina não foi imposta sem resistência. No começo uma resistência passiva, zombeteira: bebedeiras, palavrões, escárnios, andanças ou simplesmente o “fazer corpo mole”. Com o advento das fábricas têxteis e outras oficinas, a disputa se acentuou. No começo a estratégia dos mestres mais cruéis era de esconder dos trabalhadores a passagem do tempo. Não havia relógio de parede, apenas o patrão ou o supervisor podiam usar relógio:

*Ali trabalhávamos enquanto ainda podíamos enxergar no verão, e não saberia dizer a que hora parávamos de trabalhar. Ninguém a não ser o mestre e o filho do mestre tinha relógio, e nunca sabíamos que horas eram. Havia um homem que tinha relógio [...] Foi-lhe tirado e entregue à custódia do mestre, porque ele informava aos homens a hora do dia [...].*

Apesar das resistências, os trabalhadores se adaptaram, depois de duas ou três gerações, ao sistema disciplinar do capitalismo industrial. Que forças foram utilizadas para fazer este ajuste de mentalidade e fazer a memória coletiva esquecer o tempo cíclico e aceitar o tempo-valor? A primeira é essencialmente econômica e apesar de já ter sido discutida por muitos autores não perdeu sua capacidade explicativa: o fantasma da fome empurrou os trabalhadores para dentro das fábricas. Mas apenas este fator é responsável pela mudança? Não. Contribuíram as pregações, milhões de vezes reiteradas, dos puritanos em geral. O metodismo desempenhou um papel importante neste condicionamento. Há uma análise primorosa feita por Thompson sobre o metodismo na “*Formação*”, não se aprofundará este tema aqui. Apenas cita-se Thompson: *Apresentei em outro trabalho algumas razões para supor que essa disciplina foi realmente internalizada, e que podemos ver nas seitas metodistas do início do século XIX uma representação figurativa da crise psíquica por ela causada.*

A verdade é que a vitória da burguesia é, também, a vitória do tempo-valor, do tempo transformado em pecúnia, do tempo transmutado em produção econômica como finalidade exclusiva. Do tempo que metamorfoseou tudo em mercadorias, como colocado magistralmente por Marx: *A riqueza das sociedades onde rege a produção capitalista configura-se em “imensa acumulação de mercadorias” e a mercadoria, isoladamente considerada, é a forma elementar dessa riqueza.*

De fato o processo que levou à vitória do tempo-valor, começou quando o mercado público regido pelos costumes (a economia moral thompsoniana) foi substituído pelo mercado capitalista. Ou como bem refletiu Karl Polanyi:

*Foi este, precisamente, o ajuste que ocorreu sob o sistema de mercado. O homem, sob o nome de mão-de-obra, e a natureza, sob o nome de terra, foram colocados à venda. A*

*utilização da força de trabalho podia ser comprada e vendida universalmente, a um preço chamado salário, e o uso da terra podia ser negociado a um preço chamado aluguel.*

Com o desenvolvimento contínuo do capitalismo, este tempo irreversível, esse tempo-valor unifica o mundo inteiro. Apesar dos fusos horários, é pelo tempo de produção de mercadorias, divididos em fragmentos abstratos iguais, que o mundo capitalista se manifesta e se perpetua. Contudo, será que um sistema onde homem e natureza são transformados em mercadorias e “coisificados” pode subsistir para sempre?

## **Notas**